



FUNDAÇÃO ROBINSON



Brochuras GFCB

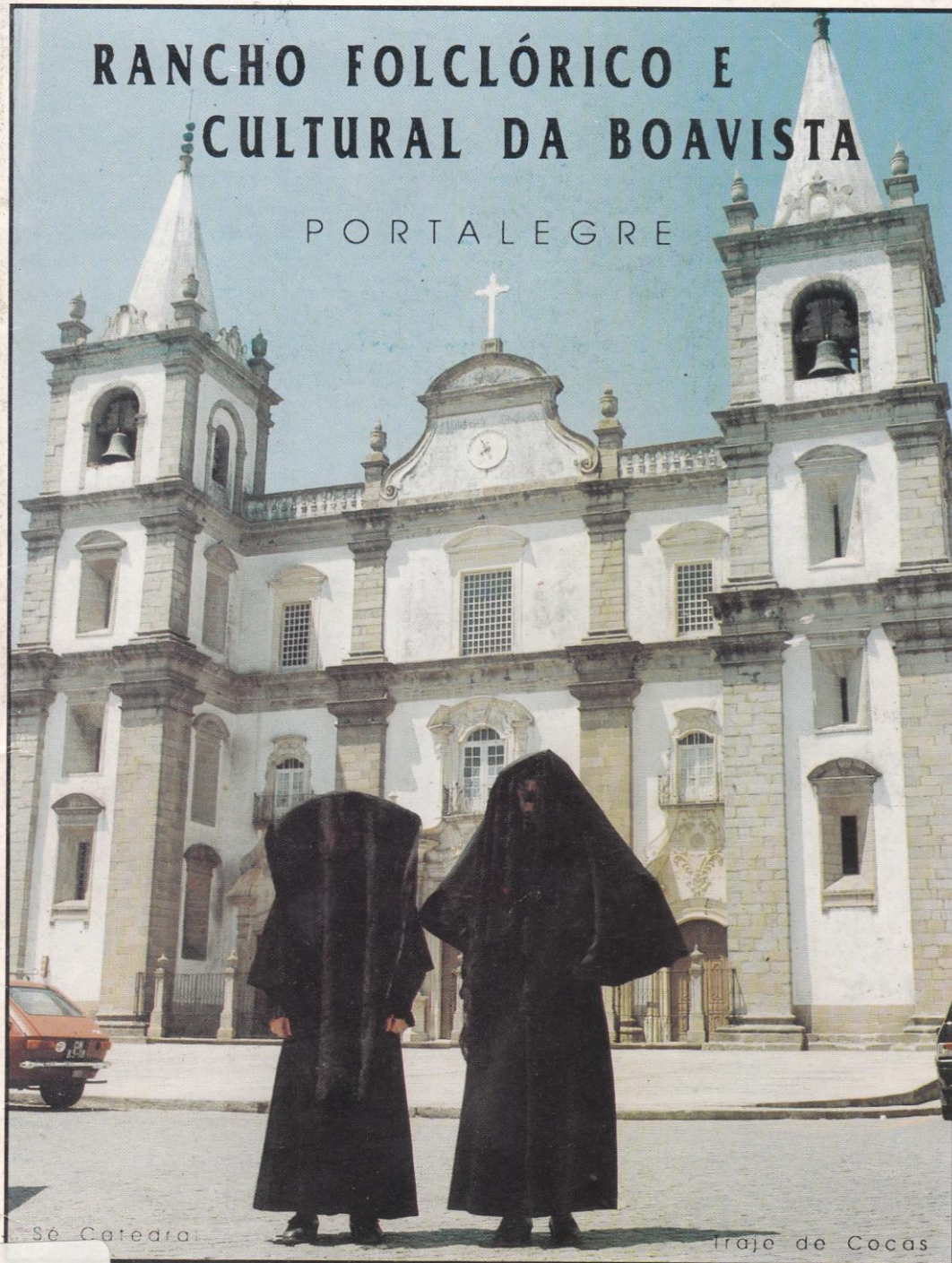


INSTITUTO DE ESTUDOS
DE LITERATURA TRADICIONAL
FCSH/UNL



RANCHO FOLCLÓRICO E CULTURAL DA BOAVISTA

PORTALEGRE



Sé Catedral

Traje de Cocas

72

XXV FESTIVAL DE FOLCLORE

06.07.91

NOTA DE ABERTURA

A Direcção do G.F.C. Boavista quer aqui expressar o seu agradecimento às Entidades Oficiais, Comerciantes e a todas as pessoas que colaboraram para que a edição desta brochura se concretizasse.

A um ano das comemorações do 25º aniversário, é nosso objectivo homenagear todos aqueles que ao longo destes 24 anos com o seu trabalho e dedicação, contribuíram para o engrandecimento do G.F.C. Boavista dignificando a Cultura Popular da Região de S. Mamede.

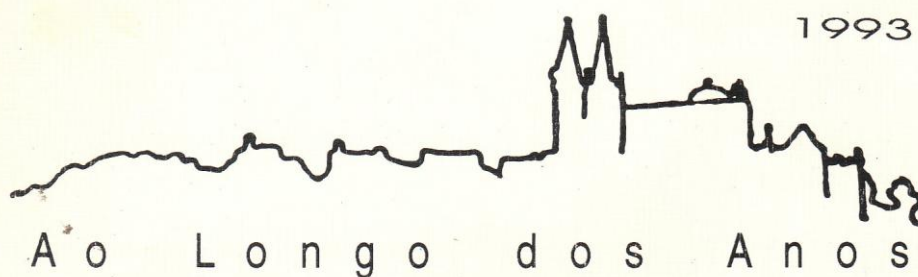
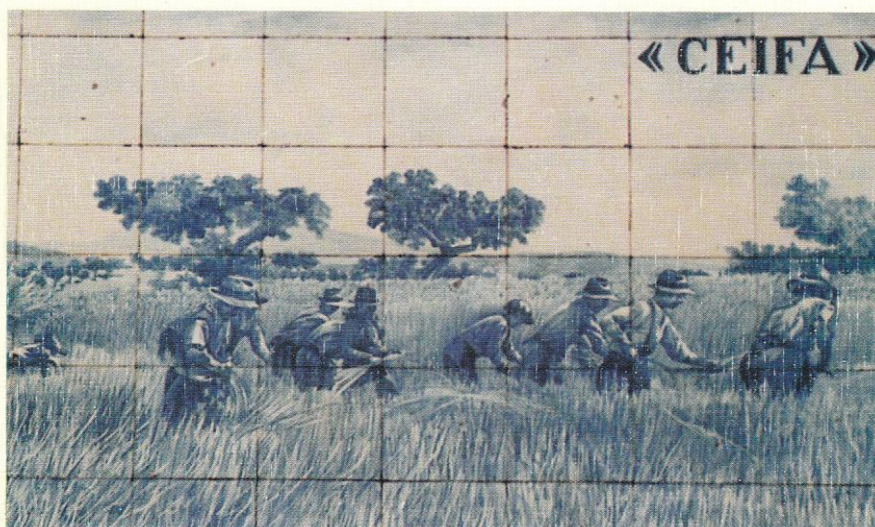
Caminhando no presente sem esquecermos o que o passado nos deixou de bom, é com confiança que encaramos o futuro, acreditando no empenhamento e dedicação da juventude que constitui a base fundamental do grupo, reforçado por mais de duas dezenas de crianças, que compõem a sua secção infantil.

A Direcção

cf. Braga

Grupo Folclórico e Cultural da Boavista

(PORTALEGRE)



HISTORIAL

Em Junho de 1967 iniciou-se a pesquisa e recolha em toda a serra de São Mamede:

- Trajo da Região
- Balhações, cantigas e músicas populares
- Quadras e Décimas

Os trajes recolhidos são:
- Pastor, ceifeiro, ganadeiro, varejador, semeador, tirador de cortiça, serrano de São Julião, lavrador, casamento;

- Ceifeira, azeitoneira, mondadeira, domingueiro de Alegrete, de festa de Alagoa, Ribeira de Nisa, Carreiras, Fortios, e a incomparável côca de Portalegre.

As danças recolhidas são 51. Nelas constam as famosas saias do Alto Alentejo, bailes de roda, bailes de saias, bailes de terrairo ou campaniços, viras, danças de inspi-ração palaciana (cujas as coreografias são de roda, coluna e quadrilha).

O GFCB gravou 3 discos, participou em 14 programas de rádio e TV, 6 dos quais em directo.

Obteve diversos prémios em Festivais, nomeadamente: 1.º classificado no I Concurso de danças e Cantares do Alto Alentejo e 2.º prémio na final do VII Festival Nacional de Folclore em Lisboa.

Em 1967, no Bairro da Boavista, em Portalegre, fruto do êxito notável da experiência de organizar uma marcha por ocasião dos Santos Populares, nasceu o Rancho Típico e Regional da Boavista; nome que viria a ser substituído por Grupo Folclórico e Cultural da Boavista.

O GFCB aparece como uma necessidade absoluta de salvaguarda e divulgação dos usos, costumes e tradições das gentes serranas. A sua acção vem sendo no sentido de não deixar perder a identidade cultural do Povo Alto Alentejano, especialmente do concelho de Portalegre.

Pelo GFCB já passaram mais de 350 pessoas; a quase totalidade iniciou aqui a sua aprendizagem do Fol-clore.

No âmbito dos seus objectivos, tem realizado Seminários e Colóquios, contribuindo para um mais correcto enten-dimento da etnografiae do folclore, para a elevação cultural dos elementos que a ele recorrem.

Galardoado com a medalha de ouro de mérito municipal; mem-bro da Federação do Folclore Português e do INATEL.

O GFCB fez a sua primeira demonstração pública no dia 29 de Julho de 1967, no Salão de Festas do Seminário de Portalegre. Ao longo da sua existência

efectuou mais de 1650 demonstrações de folclore, levando a cultura das gentes de Portalegre um pouco por todo o país e ao estrangeiro.

Vem participando nos mais conceituados Festivais de Folclore Nacionais e Internacionais que se realizam no país.

Além-fronteiras, esteve diversas vezes em Espanha; 63 dias no Canadá a convite do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Secretaria de Estado dos Assuntos Políticos e culturais, integrando o Pavilhão Português na Exposição Internacional Terre des Hommes; seis dos seus componentes estiveram 10 dias na Geórgia e em Moscovo.

Realizou 26 Festivais de Folclore, fazendo deslocar à Região de Portalegre mais de 8500 pessoas portadoras da cultura das várias regiões do país e da vizinha Espanha.

Este ano realizou o 1.º Festival de Folclore de Grupos Infantis.

Em colaboração com a Câmara Municipal de Moura, organizou e realizou o 1.º Festival de Folclore naquela cidade do Baixo Alentejo; e com Comissões de Festas Populares organizou mais 3 Festivais de Folclore.

Vem colaborando com as entidades oficiais sediadas no distrito, com diversas Comissões de Festas Populares, instituições de solidariedade social e com as escolas.

Grupo Folclórico e Cultural da Boavista

PORTALEGRE



Revivendo Tradições

TRAJES

Os trajes, que fazem parte da civilização, oferecem-nos um mundo curioso.

Assim, a rua da Mouraria, atesta-nos o nome dos seus antigos moradores, que usavam marlota, que era um casaco curto com capuz, e o almeijar listado, que era uma veste ou manta.

O albornoz, capote com capuz e mangas, foi-lhes imposto como traje, por legislação de D. Afonso IV.

O pelote, espécie de colete com abas grandes, já em 1385, se usava, pois nessa data, ofereceu D. João I, à Senhora da Oliveira de Guimarães, pelo bom sucesso da Batalha de Aljubarrota, o seu pelote debrocado de ouro e seda, que trazia vestido sob a armadura no dia de combate.

Em 1563, ainda o pelote estava em uso o ceromão, chamado manto de velho, ou de pastor, era uma capa que cobria a cabeça e o corpo, e já se usava em 1518, quando Portalegre era Vila.

Os escravos usavam clavina, espécie de opa, ou puramente só manta lanuda. Do mesmo tempo, era a capa de rafa, feita de tecido grosseiro de algodão, e os chapéus de tafetá, tecido com linho.

Mais tarde, veio o calção de tripe, e a meia a vestir a perna apertada por uma fita. Depois a calça à boca de sino, a jaqueta de "quartinhos", a camisa com seda, o colete debruado e a cinta vermelha, roxa ou preta. Sapatos e botas para ambos os sexos, tingidos do lado da flor.

Não faltou o fato - mantilha, a saia de rabo, usada pela mãe de D. Dinis, os manteletes de seda, a touca, os vestidos compridos, as golas feitas de penas de pato, a saia de estaménha, a blusa de castorina ou de chita.

Mas quanta alegria não há no avental de folhinhos a rir, em todo o traje patrio dum Rancho Folclórico, que é capaz duma ressurreição de tempo e de costumes, que lhe cumpre ser fiel depositário.

Para o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista de Portalegre, pelo seu dinamismo e perseverança, pelo constante da sua arte saudável e instrutiva, vai o meu grande abraço.

Maria Tavares Transmontano

PREITO DE GRATIDÃO

Os estudos etnográficos percorreram, no nosso país, caminhos tortuosos e não isentos de escolhos, desde meados do século passado, fortemente influenciados pelo surto do positivismo; materializaram-se em importantíssimos trabalhos de autores polifacetados como Teófilo Braga e José Leite de Vasconcelos. O Alentejo desempenhou então um papel de primeiro plano nesse surto. Foi campo de trabalho privilegiado por uma plêiade valiosa de autores, naturais ou não desta região, que se debruçaram sobre a sua história, usos, costumes e tradições. No Alentejo se editaram algumas das melhores publicações especializadas de então, como a notável revista *A Tradição, de Serpa*, - que inseriu colaboração de Teófilo Braga, Sousa Viterbo, Adolfo Coelho, Carolina Michaelis de Vasconcelos, José da Silva Picão, António Tomás Pires e Conde de Ficalho -, e o *Arquivo Transtagano*, de Elvas, dirigido pelo bibliógrafo António José Torres de Carvalho. Em muitos jornais que se publicaram nesta região surgiram numerosos artigos de especialistas e curiosos versando tal temática.

Permito-me recordar, neste momento, os nomes de algumas figuras cimeiras desse esforço de reconhecimento do nordeste alentejano, que se notabilizaram, embora de forma desigual e cujos trabalhos merecem ser desenterrados da poeira dos tempos e da ingratidão, devolvidos à luz do conhecimento actual: António Tomás Pires, autor de uma vastíssima bibliografia sobre os concelhos de Elvas e de Campo Maior; António José Torres de Carvalho, Capela e Silva, José da Silva Picão, com o seu magnífico *Através dos Campos*, (em boa hora reeditado), Possidónio Mateus Laranjo Coelho, Azinhal Abelho e tantos outros que não refiro por economia de espaço, que não por falta de consideração. E se o levantamento urgente dos trabalhos realizados por esses autores e a sua divulgação assumem uma inquestionável importância, fiquemos hoje pela evocação dos seus nomes como singelo acto de justiça.

António Ventura
Professor da Faculdade de Letras de Lisboa

Grupo Folclórico e Cultural da Boavista

PORTALEGRE



1995

RAÍZES

Nota de Abertura

Se não nos compreendermos a partir das nossas origens, podemos ao menos saber aquilo que somos?

Com certeza, já todos nos questionámos sobre as nossas raízes. De onde vimós? Quem somos?

Através dos tempos, os hábitos, os usos, os costumes dos povos permaneceram vivos na memória dos mais fiéis.

Todavia a sociedade encontra-se numa evolução constante e o seu povo adapta-se às mudanças e releva para segundo plano as suas raízes, contribuindo para a perda de valores referentes às nossas origens.

Dentro de pouco tempo já não viverão aqueles que poderão contribuir com o seu testemunho para o enriquecimento da nossa cultura.

Urge por tal motivo, a necessidade de pesquisar e recolher o depoimento dos «velhinhos» e das «velhinhas» que viveram ou ouviram falar dos usos e costumes que caracterizavam a maneira de viver do povo da nossa região.

Por esta razão, o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista intensificou o seu trabalho de pesquisa e recolha no âmbito dos trajes, modas, crenças, usos, costumes, com o objectivo de tentar salvaguardar o que resta do precioso espólio legado pelos nossos antepassados.

O Grupo Folclórico e Cultural da Boavista continuará a trabalhar neste sentido, para que as nossas raízes e tradições não sejam esquecidas e não se percam no tempo.

Contudo, a realização deste trabalho não seria possível sem o contributo daqueles, que como nós, pretendem preservar e divulgar as tradições do povo Alentejano.

A DIRECÇÃO

Reconhecimento

Creio que nenhum portalegrense ignora hoje a existência e o dinamismo da colectividade que todos conhecemos por Rancho da Boavista.

Desde as suas origens de agremiação de bairro, onde se juntaram as boas vontades e o gosto pelas manifestações folclóricas mais genuínas da nossa região, até à actual dimensão que ultrapassou fronteiras, numa actividade onde a investigação e o trabalho quotidiano justificam uma marca de inegável prestígio, o Rancho da Boavista é credor do reconhecimento de toda a comunidade.

Se o folclore, os usos, costumes e tradições constituem os traços mais vinculados na formação de uma consciência local, é aí que as origens de um regionalismo saudável podem assegurar a nossa identidade. Por isso é meritório todo o trabalho persistente de recolha, estudo e divulgação das manifestações mais autênticas desta forma especial de se ser portalegrense, eliminando aqui as fronteiras que separam a cidade do campo, antes conferindo unidade às áreas complementares do cantar, dançar, vestir ou falar, valorizando os comportamentos sociais que num passado remoto ou recente constituíram a nossa maneira especial de estar num mundo cada vez mais estandardizado.

E este é o propósito permanente do Rancho da Boavista, onde dirigentes e executantes visam objectivos que devem ser salientados pela generosidade e pela disponibilidade que representam, face aos valores que artificialmente a cultura de massa pretende impor de forma indiscriminada. A reserva de autenticidade pela qual lutam grupos como este constitui a garantia de que a própria ecologia humana ainda dispõe de vontades, firmes mas modestas, valiosas mas anónimas, dispostas a preservar a nossa memória comunitária.

É com plena consciência deste papel, tão generosamente vivido pelos componentes do Rancho da Boavista, que lhes afirmo o reconhecimento da Cidade e do Concelho, incentivando-os a prosseguir a sua meritória e dinâmica actividade, que dia a dia ganha novos contornos, susceptíveis de, adaptando-se às mais recentes tecnologias da comunicação, divulgarem as belezas ainda ignoradas do nosso rico folclore.

O Presidente da Câmara,
(*João Transmontano de Oliveira Miguéns*)

Grupo Folclórico e Cultural da Boavista

P
O
R
T
A
L
E
G
R
E



1
9
9
6

PATRIMÓNIO CULTURAL DA REGIÃO

NOTA DE ABERTURA

Não será exagerado considerar que o GRUPO FOLCLÓRICO E CULTURAL DA BOAVISTA é na região de Portalegre e fora dela um dos seus mais reconhecidos agentes da conservação de património e tradições. O património não é só constante das expressões físicas da Cultura (monumentos, por exemplo), e artísticas de alta elaboração estética ou filosófica (música, pintura, literatura).

O património não é só o que espiritualmente se desprende dos Monumentos, das Artes ou das Letras para se fixar na nossa sensibilidade constituindo-se em valores de entendimento ou de conduta. Há outras permanências em acção que perfazem também Memória na identidade cultural dos povos. Uma das componentes mais dinâmicas, estimulantes e não menos respeitáveis deles sustenta-se das iniciativas e dos encargos dos Grupos de Cultura Popular, cujo compromisso consiste em elucidar o fundamento das mentalidades numa certa sociedade, ao longo da transformação da sua vida de relação, em diversas épocas. É esse o conteúdo da Tradição. E é esse o objectivo desses Grupos, como o da Boavista. Para com ele se gerou uma simpatia cujo sentido cultural, porém, não deverá reduzir-se ao simples acolhimento de vizinhança, ao directo impulso emocional da proximidade bairrista. O sentido cultural do *Grupo da Boavista*, como corpo activo da demonstração folclórica da região de Portalegre, é perceber-lhe a genuidade histórica dos suportes de recolha, de reconstituição e de execução coreográfica, musical e poética com que documenta a preservação etnográfica da sua matriz local. Assistir às actuações de um Grupo cultural de folclore exige do sentimento uma atitude de elevação humanizada das populações de onde ele emerge, o que é muito mais importante, mais real e indiscutivelmente mais consistente do que um simples exercício visual de diversão ou espectáculo. Quando o *Grupo da Boavista*, assim, se apresenta, tanto à sua própria comunidade como a outras comunidades, não se apresenta meramente como um conjunto de pessoas que automatizaram as técnicas numa certa forma popular, quer mais quer menos antiga, do bailar tradicional na região de Portalegre. O *Grupo da Boavista*, de cada vez que se apresenta, suscita culturalmente os assistentes a participarem da alma de Portalegre nas ocorrências da evolução vital dos tempos, como restauro. É nessa motivação de Portalegre, porque historicamente são de Portalegre os espaços laborais e sociais que ele invoca numa sua amplitude concelhia, que o *Grupo da Boavista* retém a legitimidade do fascínio colectivo básico deste Povo.

A DIRECÇÃO

MENSAGEM DO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA

Quase três décadas de história, que em Julho do próximo ano se cumprem, preenchem a vida do Grupo Folclórico e Cultural da Boavista.

Longe já dos tempos em que o pequeno conjunto inicial de entusiastas se reunia na modesta casa-sede da Boavista, movidos todos pelo sonho de perpetuar as raízes comuns, o espírito é ainda o mesmo e o tímido Rancho Típico e Regional deu progressivamente lugar ao prestigiado Grupo de que hoje Portalegre justamente se pode orgulhar. Os quase trinta anos percorridos foram um longo período de crescimento e de afirmação, preenchidos por lutas quotidianas contra a indiferença de alguns, contra o comodismo e a distração de outros.

Valeu a pena lutar. O presente e o futuro da Associação, em vésperas de dispor de uma sede merecidamente condigna, justificam a validade do esforço de quantos meritória e desinteressadamente deram o melhor de si próprios à causa da cultura popular, neste sector dos usos, costumes e tradições das gentes serranas de S. Mamede, de que o Grupo da Boavista é intérprete qualificado.

O nível atingido e um prestígio que ultrapassa fronteiras transformaram o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista num digno embaixador cultural do Norte Alentejano, pelo que, em período de plena afirmação dos valores regionalistas, a Câmara Municipal de Portalegre o reconhece como um dos mais legítimos depositários da nossa própria individualidade.

João Transmontano

AS SUAS GENTES

O Folclore é sem dúvida uma das manifestações culturais mais genuínas e populares.

O Grupo Folclórico e Cultural da Boavista é um dos embaixadores da nossa cidade e concelho, que melhor interpreta o ser e sentir das nossas gentes.

Falar do Grupo da Boavista é recordar as festas populares que foram a semente que no longínquo ano de 1967, levaram dezenas de portalegrenses, jovens portalegrenses, a formar este Grupo que canta, baila, toca e mostra as nossas tradições, no fundo a nossa forma de estar.

Quantas alegrias, quantas desilusões, quantos quilómetros percorridos, quantas noites mal dormidas, quantas canseiras feitas e desfeitas, entre duas modas.

Portalegre, as suas gentes, a Câmara Municipal sempre contaram com o Grupo da Boavista. É isso que de novo vai acontecer nas festas do Concelho, em Maio.

Nos próximos meses, em muitas cidades, vilas e aldeias de Portugal, e na estranja, se há-de ouvir esta quadra retirada de uma das modas que o Boavista canta e dança:

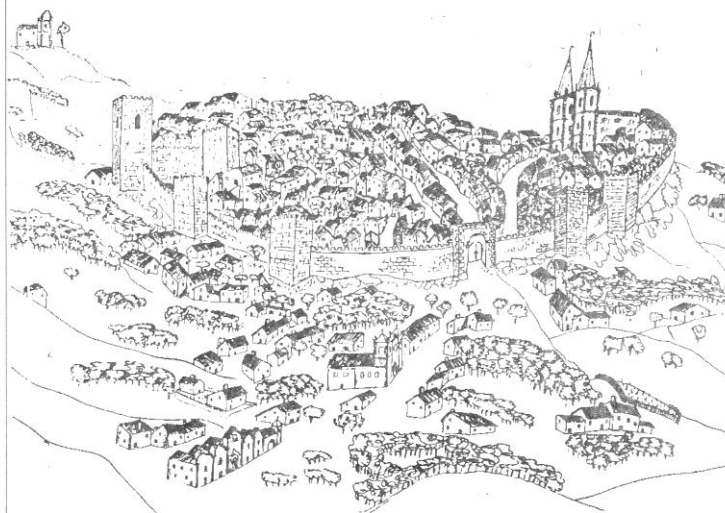
*Nós somos do Alentejo,
viemos de Portalegre,
e na nossa voz ativa
o cantar é mais alegre.*

Bem hajam todos os que fazem do Grupo Folclórico e Cultural da Boavista uma referência de Portalegre e da sua cultura. Desde os directores ao par mais jovem que enche qualquer palco a dançar as Saias da Ti'Rosa.

Abril/96

José Manuel Barradas
(Vereador para a Cultura
da Câmara Municipal de Portalegre)

GRUPO FOLCLÓRICO
E CULTURAL DA BOAVISTA



“A FORTALEZA DE PORTALEGRE”

1997

Nota da abertura

O Grupo Folclórico e Cultural da Boavista continua a celebrar as tradições populares da região de Portalegre. Como, aliás, outros Grupos seus congéneres de intenção celebram e justificam, os seus povos e os seus ânimos. Celebrar é sempre enaltecer e partilhar em festa a sinceridade e a prática esclarecida das motivações comuns de um agregado de vidas, para além do tempo. Neste sentido, o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista expressa e, etnograficamente, invoca, para a actualidade a consistência histórica dos lugares, das acções e dos sentimentos porventura ainda subsistentes no carácter alentejano - da variada região de Portalegre. Sem nada já poder materialmente restaurar (como também não são esses os seus objectivos, o que seria desproporcionado, por falta de realismo) da felicidade ou do sofrimento da simplicidade rural, o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista persiste na intenção de demonstrar ser útil o Folclore à manutenção espiritual do étnos alentejano de Portalegre. É com esta consciência de solicitude pedagógica e social, decerto pertinente por acessível, que o Grupo da Boavista se tem vindo a afirmar como entidade não só dirigida ao fascínio diferenciado de algum público, mas - essencial e radicalmente - de serviço cultural comunitário. Por isso é que o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista é popular. E por isso é respeitado.

A DIRECÇÃO

MENSAGEM DO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA

Quase três décadas de história, que em Julho do próximo ano se cumprem, preenchem a vida do Grupo Folclórico e Cultural da Boavista.

Longe já dos tempos em que o pequeno conjunto inicial de entusiastas se reunia na modesta casa-sede da Boavista, movidos todos pelo sonho de perpetuar as raízes comuns, o espírito é ainda o mesmo e o tímido Rancho Típico e Regional deu progressivamente lugar ao prestigiado Grupo de que hoje Portalegre justamente se pode orgulhar. Os quase trinta anos percorridos foram um longo período de crescimento e de afirmação, preenchidos por lutas quotidianas contra a indiferença de alguns, contra o comodismo e a distração de outros.

Valeu a pena lutar. O presente e o futuro da Associação, em vésperas de dispor de uma sede merecidamente condigna, justificam a validade do esforço de quantos meritória e desinteressadamente deram o melhor de si próprios à causa da cultura popular, neste sector dos usos, costumes e tradições das gentes serranas de S. Mamede, de que o Grupo da Boavista é intérprete qualificado.

O nível atingido e um prestígio que ultrapassa fronteiras transformaram o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista num digno embaixador cultural do Norte Alentejano, pelo que, em período de plena afirmação dos valores regionalistas, a Câmara Municipal de Portalegre o reconhece como um dos mais legítimos depositários da nossa própria individualidade.

João Transmontano

GRUPO FOLCLÓRICO E CULTURAL DA BOAVISTA - PORTALEGRE

Em 1967, no Bairro da Boavista, em Portalegre, nasceu o RANCHO TÍPICO E REGIONAL DA BOAVISTA, hoje GRUPO FOLCLÓRICO E CULTURAL DA BOAVISTA.

O Grupo apareceu como uma necessidade absoluta de salvaguarda e divulgação dos usos, costumes e tradições das gentes serranas de São Mamede.

A sua acção vem sendo no sentido de não deixar perder a identidade cultural do Povo Alto Alentejano, especialmente do concelho de Portalegre.

Da pesquisa que vem efectuando, possui no seu repositório preciosos exemplares do modo de trajar, de cantar, de tocar e de balhar no início do século XX, tais como: - Azeitoneira, boieiro, ceifeiros, gadanhheiro, malhador, mondadeira, pastor, semeador, tirador de cortiça; trajos domingueiros e de festa de Alagoa, Alegrete, Fortios, Reguengo, Ribeira de Nisa, São Julião, Urna e da própria cidade de Portalegre; lavrador, casamento e a incomparável Côca de Portalegre.

As Modas de Saias, Banhos de Saias, Banhos de Terreiro ou Campaniços, Viras ou Modas Viradas, Balhações de Inspiração Palaciana, com marcações em roda coluna e quadrilha.

O Grupo Folclórico e Cultural da Boavista fez a sua 1.ª demonstração pública no dia 29 de Julho de 1967, no salão de Festas do Seminário de Portalegre.

Já gravou 3 discos, 1 cassete áudio e 1 cassete vídeo; participou em 16 programas de rádio e televisão nacionais (nomeadamente: Canal 13, TVI - Programa Portugal Português, RTP Canal 1 - Programa Marco Paulo com Música no Coração).

Obteve diversos prémios em Festivais, nomeadamente:

1.º classificado no I Concurso de Danças e Cantares do Alentejo e 2.º prémio no VII Festival Nacional de Folclore em Lisboa.

Por ocasião das suas Bodas de Prata, foi galardoado, com a

Medalha de Ouro de Mérito Municipal pela Câmara Municipal de Portalegre.

É membro da Federação do Folclore Português, do INATEL, da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio e da Associação dos Folcloristas do Alto Alentejo.

Possui o Estatuto de Instituição de Utilidade Pública. Vem realizando Seminários, Colóquios e outras iniciativas, contribuindo para um mais correcto entendimento da etnografia e do folclore, para elevação cultural dos elementos que a ele recorrem.

Organiza anualmente 3 Festivais de Folclore: um com Grupos Infantis e Juvenis; e 2 com Grupos Adultos.

Ao longo da sua existência, vem contribuindo para a divulgação da cultura das gentes de Portalegre, participando nos mais conceituados Festivais de Folclore Nacionais e Internacionais que se realizam no país.

Além-fronteiras, teve diversas vezes em Espanha, no Canadá, Geórgia, Rússia, Polónia, França e Alemanha.

No âmbito dos seus objectivos de trabalho, vem colaborando com várias entidades sediadas no distrito, Comissões de Festas Populares, Instituições de Solidariedade Social e Escolas de todos os níveis do Ensino.



GRUPO FOLCLÓRICO E CULTURAL DA BOAVISTA - PORTALEGRE - A. ALENTEJO (GRUPO INFANTIL)

Ao longo da sua existência, o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista tem mantido com certa regularidade a sua componente infantil e juvenil, tendo esta um papel importante, contribuindo decisivamente para o rejuvenescimento do Grupo, criando nas crianças e jovens o gosto pelos usos e costumes dos nossos antepassados (as músicas, as danças, as



cantigas, a maneira de vestir, os jogos tradicionais), a conviver em grupo, a amizade e a solidariedade são valores que se aprendem no Grupo Folclórico e Cultural da Boavista.

Fruto da actividade regular que vem desenvolvendo, em 20 de Junho de 1992 (ano das Bodas de Prata) organizou o 1.º Festival de Folclore com Grupos Infantis

e Juvenis, instituindo esta realização como actividade anual, no mês de Maio (por ocasião das Festas do Concelho de Portalegre); afirmando-se progressivamente pelo rigor, pela autenticidade e qualidade reconhecida.

É neste contexto que o Gabinete de Etnografia do INATEL efectua a sua indicação para participar, em representação de Portugal, no Festival Internacional de Zieiona Gora, na Poiónia, em Agosto de 1995 (Organização do CIOF).

Aí se abriram as portas para novos intercâmbios com Grupos de outros países e: - em Maio de 1996 recebeu em Portalegre um Grupo da Letónia; - ainda no mesmo ano, em Julho, participou no Festival Internacional de Schlitz, na Alemanha; - em Dezembro voltou a ser indicado pelo INATEL para o Festival Internacional de Casteló de La Plana - Espanha.

AS CONDIÇÕES DA CULTURA

Carlos Garcia de Castro

A cultura de um país não é abstracção. Haverá tendência a considerá-la abstracção, porque específica e expressivamente ela acaba por corresponder a cargas de invocação sentimental mais ou menos complexas e predominantes que remontam a qualquer padrão comunitário alicerçado - tanto em ideias como em ideologias. É o mecanismo psicológico das emoções que leva a considerar a Cultura como abstracta, porque os estalos interiores anímicos que ela desperta não se vêem nem apreciam, no concreto como, por exemplo, se observam as obras de engenharia. Mas a cultura de um país não é uma ideia, muito menos uma certa ideia, nem se confunde com qualquer ideologia e os seus planos de acção. Ao contrário dos aproveitamentos sensitivos e redundantemente turísticos e comerciais de sinal lúdico ou espectacular - como mera iniciativa pré-organizada - a Cultura é em si mesma e identifica-se com o percurso da História. Radicalmente, uma cultura, como tal, não é abstracção, porque se manifesta no real da vida e se fundamenta em factos materiais. Uma cultura incita às decisões e preside e orienta juízos e acções práticas dos homens quotidianos, na sociedade. Todos nós somos a valência colectiva da Cultura, ainda que a transformemos. Por isso somos concretos - ao nascer e ao morrer. A existência nos mostra que não somos abstractos. Não se executa a Cultura. Ela desperta de nós.

"Uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos, imagens, que penetram na intimidade do individuo estruturam os instintos, orientam as emoções." (Edgar Morin, *L'Esprit du Temps*, Paris - Grasset, 1962. Pág. 10)-

As manifestações concretas duma cultura combinam-se nas diversas e mais ou menos imprevisíveis formas, atitudes e forças de interpenetração, reacções, fruição com que os grupos humanos se confrontam e interpretam, interagem com a Natureza - física, biológica e mental - construídos nos incidentes da sua adaptação à existência e viradas para o instinto do progresso. Com essas experiências se depositam ao longo do tempo e das suas repetições os elementos espirituais activos da tradição. Por exemplo: uma cerimónia religiosa; a cortesia sexual; os mitos; as narrativas lendárias; as qualidades atribuídas ao nascimento e à morte; etc. E a implicação viril da sua espiritualidade, como elevação, não dispensa e necessita em simultâneo do seu indelével concreto, que se

estipula, se revela num sinal exacto - o qual, se é por vezes simbólico, é também comportamental, actualizante e vivo. Com isso se estabelece uma matéria do tempo, do espaço, da humanidade - as categorias dimensionais da História, sobre que as culturas se definem. Os factos materiais emergem, com inclusão, compreendem-se nestes horizontes, mas desenvolvem-se e vão-se dramaticamente adequando a outros objectivos, esses mais utili-tários que emocionais: a organização política, o rendimento económico, a construção tecnológica, a aparelhagem militar, etc., provenientes do engenho produtivo global em que se envolvem, consomem, se enquadram no processo da civilização - efeito determinante da vida, no seu mais imediato contexto de complexidades, superando o meramente necessário. Neste processo, a cada Povo é dada a sua História - donde provém a Cultura, dentro da qual se legitimam, por exemplo, um tratado internacional; uma lei jurídica; a construção das estradas; as convenções do comércio; a organização do trabalho; as distribuições cambiais; uma Revolução, até.

Uma cultura não é o "aligeiramento" da História, nem uma qualquer condição secundária a posteriori, como se fosse a curiosidade dos novos para o espectáculo das empresas de Turismo. Os actos e os produtos culturais emergem, definidores, concomitantes com a originalidade e a manutenção substancial desses povos, sem para com eles poder haver - seja qual for - outra qualquer identidade, outra qualquer consciência. História, cultura e povo são entre si sincrónicos e inextricáveis.

Quer dizer: a evidência cultural duma comunidade não é a resultante provocada e somente sentimental da sua história. Os valores e património de uma cultura não são meramente contemplativos: são produto duma intensa experiência activa e conjunturalmente participativa e alongada das sociedades num certo espaço, desintrincada nos tempos, por força das exigências primaciais colectivas em confronto com a Natureza. Sobreviver e manter-se foram as primeiras instituições universais da nossa espécie, para a vocação elevada duma existência pensante. Uma cultura avalia-se, estima-se melhor integralmente, quando ligada às condições de vida e organização dos respectivos sujeitos colectivos. Por isso se devem ponderar os factores materiais que foram seus antecedentes e se tornaram particularidades com que se desenvolveram, orgânica e socialmente, num certo território, as energias e até os expedientes - também competições - duma apropriada matriz humana.

BOA VISTA DA CIDADE



**PORTALEGRE
1998**

**GRUPO FOLCLÓRICO
E CULTURAL
DA BOAVISTA**

NOTA DE ABERTURA

Pode dizer-se que em Portugal a cultura popular é fortemente preservada com o predomínio e com o empenho de acções muito explícitas e concretas, por intermédio de um extenso conjunto de Associações locais de demonstração folclórica. No que dessa cultura corresponde à região de Portalegre, orgulhamo-nos da boa consciência com que as suas populações em geral aceitam e reconhecem o mérito das iniciativas do Grupo Folclórico e Cultural da Boavista.

Tem sido honesto e persistente o esforço deste Grupo, afirmamo-lo com simplicidade porque tem sido sempre desinteressado. Mas não esquecemos que também tem sido partilhado cultural e socialmente, com os conterrâneos, junto de quem nos envolvemos por amizade e dedicação probatória.

Ao celebrarmos mais um ano de existência, é com alegria que invocamos as várias mensagens folclóricas que este Grupo tem apresentado ao convívio mais directo da sua região de origem fundamento prioritário, e levado com entusiasmo, na autenticidade da sua expressão popular, a todo o nosso país e a muitos no estrangeiro.

Subscrevemos esta Nota honrosamente agradecidos.

A Direcção

Temos a sorte...

Se algo na vida é perene, certamente a cultura ocupa esse espaço. E não há cultura mais genuína que a cultura popular.

Os hábitos, os trejeitos, as tradições, a música, a dança, os instrumentos, os trajes.

As manifestações simples dos sentimentos, a brejeirice, as angústias sublimadas.

Uma estrutura sócio económica que marcou um período da História e as vivências do passado.

Tudo isto ressuscita, ganha vida e nos encanta quando o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista pisa o palco.

Temos a sorte de entre nós ter ganho forma, há 31 anos, este Grupo, composto por Portalegrenses dedicados e amantes da cultura da nossa Região, empenhados em pesquisar e manter vivos a Serra de S. Mamede e o Alentejo de outrora.

No encanto da nossa música, na beleza e variedade dos trajes e na fidelidade dos seus passes de dança encontram a razão de existir.

Na riqueza do nosso folclore inspiram a alegria do olhar, patente nas suas actuações.

Tem, pois, Portalegre sobejas razões por se congratular por ter um dos poucos Grupos Folclóricos e Etnográficos com profundas raízes populares e que representa a genuína cultura do nosso Concelho e Região.

Por tudo isto, o nosso *bem hajam*, a todos os que criaram e têm mantido bem vivo e actuante o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista.

São credores do nosso respeito e admiração.

O nosso incentivo para que continuem, hoje e sempre, a levar às várias partes da Europa e de outros Continentes o nome de Portalegre, com a mesma dignidade com que sempre o têm feito.

Poderemos dizer, com segurança, que o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista é testemunho da História que já faz parte da nossa História.

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Dr. Amílcar Santos

“ O BOAVISTA ao longo dos anos “

Em 1967, no Bairro da Boavista, em Portalegre, nasceu o RANCHO TÍPICO E REGIONAL DA BOAVISTA, hoje GRUPO FOLCLÓRICO E CULTURAL DA BOAVISTA.

O Grupo apareceu como uma necessidade absoluta de salvaguarda e divulgação dos usos, costumes e tradições das gentes serranas de São Mamede.

A sua acção vem sendo no sentido de não deixar perder a identidade cultural do Povo Alto Alentejano, especialmente do concelho de Portalegre.

Da pesquisa que vem efectuando, possui no seu repositório preciosos exemplares do modo de trajar, de cantar, de tocar e de balhar no início do século XX, tais como: - Azeitoneira, boieiro, ceifeiros, gadanhheiro, malhador, mondadeira, pastor, sementeiro, tirador de cortiça; trajes domingueiros e de festa de Alagoa, Alegrete, Fortios, Reguengo, Ribeira de Nisa, São Julião, Urra e da própria cidade de Portalegre; lavrador, casamento e a incomparável Côca de Portalegre.

- As Modas de Saias, Balhos de Saias, Balhos de Terreiro ou Campaniços, Viras ou Modas Viradas, Balhações de Inspiração Palaciana; com marcações em roda, coluna e quadrilha.

O Grupo Folclórico e Cultural da Boavista fez a sua 1ª demonstração pública no dia 29 de Julho de 1967, no salão de festas do Seminário de Portalegre.

Já gravou 3 discos, 1 cassete áudio e 1 cassete vídeo; participou em 16 programas de rádio e televisão nacionais (nomeadamente: Canal 13, TVI - Programa

Portugal Português, RTP Canal I - Programa Marco Paulo com Música no Coração).

Obteve diversos prémios em Festivais, nomeadamente: 1º classificado no I Concurso de Danças e Cantares do Alentejo e 2º prémio no VII Festival Nacional de Folclore em Lisboa.

Por ocasião das suas Bodas de Prata, foi galardoado, com a Medalha de Ouro de Mérito Municipal, pela Câmara Municipal de Portalegre.

É membro da Federação do Folclore Português, do INATEL, da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio e da Associação dos Folcloristas do Alto Alentejo.

Possui o Estatuto de Instituição de Utilidade Pública. Vem realizando Seminários, Colóquios e outras iniciativas, contribuindo para um mais correcto entendimento da etnografia e do folclore, para elevação cultural dos elementos que a ele recorrem.

Organiza anualmente 3 Festivais de Folclore: um com Grupos Infantis e Juvenis; e 2 com Grupos Adultos.

Ao longo da sua existência, vem contribuindo para a divulgação da cultura das gentes de Portalegre, participando nos mais conceituados Festivais de Folclore Nacionais e Internacionais que se realizam no país.

Além-fronteiras, esteve diversas vezes em Espanha, no Canadá, na Geórgia, na Rússia e na Polónia, França e Alemanha. Este ano-98 representará Portugal na Austria.

No âmbito dos seus objectivos de trabalho, vem colaborando com várias entidades sediadas no distrito, Comissões de Festas Populares, Instituições de Solidariedade Social e Escolas de todos os níveis do ensino.

Grupo Folclórico e Cultural da Boavista

(GRUPO INFANTIL)

Ao longo da sua existência, o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista tem mantido com certa regularidade a sua componente infantil e juvenil, tendo esta um papel importante, contribuindo decisivamente para o rejuvenescimento do Grupo, criando nas crianças e jovens o gosto pelos usos e costumes dos nossos antepassados (as músicas, as danças, as cantigas, a maneira de vestir, os jogos tradicionais), a conviver em grupo, a amizade e a solidariedade são valores que se aprendem no Grupo Folclórico e Cultural da Boavista.

Fruto da actividade regular que vem desenvolvendo, em 20 de Junho de 1992 (ano das Bodas de Prata) organizou o 1.º Festival de Folclore com Grupos Infantis e Juvenis, instituindo esta realização como actividade anual, no mês de Maio (por ocasião das Festas do Concelho de Portalegre); afirmando-se progressivamente pelo rigor, pela autenticidade e qualidade reconhecida.

É neste contexto que o Gabinete de Etnografia do INATEL efectua a sua indicação para participar, em representação de Portugal, no Festival Internacional de Zieiona Gora, na Poiónia, em Agosto de 1995 (Organização do CIOF).

Aí se abriram as portas para novos intercâmbios com Grupos de outros países e: - em Maio de 1996, recebeu em Portalegre um Grupo da Letónia; - ainda no mesmo ano, em Julho, participou no Festival Internacional de Schlitz, na Alemanha; - em Dezembro voltou a ser indicado pelo INATEL para o Festival Internacional de Casteló de La Plana - Espanha.



CANTO DA TERRA



GRUPO FOLCLÓRICO E CULTURAL DA BOAVISTA - 1999

NOTA DE ABERTURA

O Grupo Folclórico e Cultural da Boavista de novo vem saudar com amizade o povo de Portalegre e do seu concelho, que nunca esquece, e a quem deve a alegria do seu convívio e a conterrânea felicidade da sua existência - cívica e culturalmente animada e persistente. Se a afirmação com que o Grupo se esmera para a autenticidade possível das suas demonstrações de cultura popular no âmbito do Folclore, tanto no País como no Estrangeiro, decerto se deve ao espírito de harmonia e de iniciativa com que se tem vindo a enriquecer, só isso não lhe bastaria para os seus êxitos. A vida do Grupo Folclórico e Cultural da Boavista está enraizada e sustenta-se da alma regional de Portalegre. Por isso, sem exagero, sem convenções ou cortesias, o Grupo se lhe confessa permanentemente agradecido - não só pela atenção que a população lhe dispensa, como pela visível aceitação das Instituições públicas que a representam.

Nesta amizade e nesta consistente companhia, familiarmente, o abraço reconhecido da

DIRECÇÃO

Embaixador de Portalegre...

Falar do Grupo Folclórico e Cultural da Boavista, é muito fácil e agradável.

De facto, trata-se de uma colectividade que pelo seu trabalho sistemático e devotado à causa da Cultura do nosso Concelho, grangeou a admiração e o respeito de todos nós.

Nos mais variados aspectos da sua actividade, como são a recolha de músicas, trajes, hábitos e tradições, tudo tem feito para preservar e manter viva a memória colectiva do nosso Povo, facto que é sempre de saudar, numia altura em que a grande comunicação de massas domina os nossos dias, pouco espaço sobrando para a diferença.

Muito positivo também é o saudável ambiente que proporciona aos seus componentes, oferecendo-lhes a possibilidade de darem largas às suas vocações artísticas e criadoras, com a hipótese de, através das deslocações por todo o país e pelo estrangeiro, conhecerem outras terras e outras gentes, alargando horizontes e formando personalidades.

Embaixador de Portalegre por todo o país e estrangeiro, o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista, merece que o ajudemos a ser cada vez maior, merece que lhe sejam criadas melhores condições de trabalho.

Iniciadas há vários anos as obras de adaptação de um edifício para a sua Sede Social, têm sofrido alguns contratempos, provocando atrasos na concretização do legítimo anseio: dispor de uma sede condigna.

Como Presidente da Câmara Municipal de Portalegre, tenho grato prazer de garantir que muito em breve as obras estarão concluídas e o Grupo passará, então, a dispor de instalações à altura dos seus pergaminhos, e que por certo servirão de estímulo para o aprofundamento do seu valioso trabalho em prol da Cultura do nosso Concelho.

Aproveito para enviar um abraço a todos os que de algum modo dão ou deram corpo a essa bela realidade que é o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista, com os votos sinceros e amigos de muitos êxitos no ano que decorre.

Portalegre, 27 de Abril 1999

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Amílcar Santos

APONTAMENTO

O crescente trabalho de pesquisa e reconstituição desenvolvido pelos Grupos de Folclore e a sua apresentação pública resultante dos ensaios, vai tendo cada vez mais actualidade.

A referida acção ultrapassou já as funções de Universidade paralela do sector de cultura geral e entrou no campo da saúde, através da medicina com a ocupação de tempos livres a muitos dos seus participantes.

Numa sociedade como a actual, que aumenta de velocidade todos os dias a caminho de uma tão anunciada globalização, com todos os recantos do mundo cada vez mais próximos uns dos outros, cresce a tendência da insensibilidade dos infortúnios dos que nos rodeiam, mal social que é preciso travar, combatendo-o com todas as forças ao nosso alcance para que não venhamos a ter uma sociedade humana e espiritualmente doente, o que se reflectiria no bem estar de todos nós.

Os valores morais e patrimoniais, construídos ano após ano através de séculos, não podem ser esquecidos; devem sim continuar bem vivos em coabitação com a modernidade, constituindo uma mais valia para reforço da nossa identidade e para formação dos nossos vindouros.

Tem sido esse o empenhamento do Grupo Folclórico e Cultural da Boavista - PORTALEGRE - que ao efectuar o seu XXXVIII FESTIVAL NACIONAL DE FOLCLORE, vem confirmar publicamente o que acabo de expor.

Pelo que este Grupo Folclórico fez e continuará a fazer, vai o meu **BEM HAJA**.

Augusto Gomes dos Santos

(Presidente da Federação do Folclore Português)